FTD MKT | 9391099000702

AGOSTO – 2024

revista mundo escolar

GESTÃO

Nº 21

TECNOLOGIA

As soluções sob medida que nascem nas edtechs.

REDE PÚBLICA

As parcerias que melhoram processos e otimizam resultados.

CONFESSIONAL

Iniciativas ESG na Educação e no foco na COP30.

ESCOLAS BUSCAM PROTAGONISMO NA DEFESA DA DIVERSIDADE

Educadores devem considerar seu papel na condução para uma sociedade mais diversa e consciente.

FTD educação

ESG
FTD

Helena
Estudante

DIVERSIDADE

ISSO É
FTD EDUCAÇÃO.

Acesse e saiba mais • ftd.com.br • ftd.com.br • ftd.com.br •

Somos agentes de uma transformação que vai muito além da sala de aula, cuidando de dentro para fora, das pequenas articulações internas às grandes ações externas. Colocando em ação a força dos verbos que resumem a nossa missão: **conectar**, **aprender**, **educar**, **preparar** e **transformar**.

Isso significa educar as crianças e os jovens para que sejam grandes seres humanos, cuidar daqueles que os preparam para a vida e agir para que o mundo seja melhor a cada dia.

FTD educação

Conectamos histórias.
Construímos futuros.

@ftdeducacao /FTDEducacao /EditoraFTD

RESPEITAR O OUTRO; RESPEITAR O MUNDO

A busca pela igualdade e por uma escola mais diversa e empática passa, sim, pela luta antirracista.

Uma frase da professora doutora em educação Cléa Ferreira alerta que "o Brasil é o país do racismo sem racistas"; afirmando, também, que aos poucos existe uma tentativa de desconstruir essa ideia.

A edição 21 da revista **Mundo Escolar Gestão** chama as instituições de ensino para engrossar essa batalha, dividindo suas experiências e refletindo sobre o que pode ser feito para antever e conduzir possíveis ocorrências dessa natureza.

Infelizmente, uma pesquisa mostra que o ambiente escolar ainda ocupa o topo dos locais onde as pessoas afirmam ser vítimas de ofensas raciais. Essa é uma luta de todos.

A edição também traz os ecos do que ocorreu em Aparecida (SP), no mês de junho, durante o XI Integra, onde a defesa do meio ambiente e do convívio em sociedade foram difundidos a gestores e líderes educacionais do Brasil.

As reportagens internas ainda trazem destaques nas demais editorias, com o avanço tecnológico e pedagógico das edtechs; os caminhos para o uso sustentável do marketing digital no mundo da Educação; as propostas de formação docente com foco no combate às *fake news*; entre outros temas.

O respeito ao planeta e às pessoas também está no artigo sobre como as escolas podem implementar uma agenda ESG em suas rotinas, causando impactos positivos para os alunos, famílias e à comunidade.

Essas mudanças podem e devem passar pela administração das instituições, como ressalta em entrevista a diretora de Relações Institucionais e Governamentais do Grupo Marista, Carmem Murara: "os gestores têm papel significativo para mudar o *mindset* da sociedade".

Boa leitura.

CONTEÚDO

P. 6 **ACHARAM SOLUÇÃO ONDE SÓ VIAM PROBLEMA**

De que forma as edtechs oferecem ferramentas e serviços para otimizar a gestão escolar nas mais diversas áreas

P. 10 **IDEIA NA CABEÇA E MUITA PERSISTÊNCIA**

A trajetória de quatro edtechs já consolidadas entre gestores de escolas

P. 14 **MARKETING EDUCACIONAL: COMO CRIAR VÍNCULO EMOCIONAL DURADOURO COM SEU PÚBLICO**

Caminhos para utilizar estratégias de divulgação e comunicação em uma escola e, assim, alcançar bons resultados, sem tratar o educacional de forma puramente comercial

P. 20 **POR QUE A FOTO DO MEU FILHO NÃO ESTÁ NA REDE SOCIAL DO COLÉGIO?**

Se por um lado esses canais são ferramentas de divulgação e comunicação com a comunidade escolar, por outro, exigem cuidados sobre a exposição excessiva

P. 22 **DIAS DE REFLEXÃO PARA DEFESA DA CASA COMUM**

XI Integra discutiu sustentabilidade, sob a perspectiva das EDS, ODS, ESG. Ecologia Integral, Ecoteologia e ética planetária, lançando um olhar para a COP30

P. 28 **EXEMPLOS DE PRÁTICAS AMBIENTAIS, SOCIAIS E DE GOVERNANÇA NA ESCOLA**

Como estabelecer uma agenda de projetos e ações sustentáveis nas instituições de ensino e promover engajamento na comunidade escolar

P. 33 **ECOLOGIA INTEGRAL E O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO**

A Educação pode contribuir de forma significativa e avançar muito na consciência e na formação da cultura voltada para a sustentabilidade

P. 36 **VOZES ANTIRRACISTAS E SEUS ECOS NO EDUCACIONAL**

As vivências e propostas de letramento racial e luta pela representatividade na gestão escolar em diferentes realidades

P. 42 **MUNICÍPIOS FAZEM PARCERIAS PARA OBTER MELHORES RESULTADOS**

Como a busca estratégica por soluções e metodologias nas escolas municipais está resultando em bons índices e conquistas para as redes

P. 46 **COMO PREPARAR EDUCADORES PARA A ERA DA PÓS-VERDADE**

Práticas educacionais para combater a disseminação de fake news e converter o docente em propagador de informações verificadas

revista MUNDO ESCOLAR

Equipe de trabalho FTD Educação
Ricardo Tavares
Roberta Campanini
Cintia Cristina Bagatin Lapa
Caroline Franco Dias
Clayton Luiz Ferreira de Oliveira
Tammy Ingrid da Silva
Leidiane Dantas dos Santos

Realização:
Editor:
Edimilson Cardial
Repórter:
Marcelo Daniel
Projeto Gráfico:
Victor Cezar Avi
Direção de arte e diagramação:
Débora de Bem
Gerente de publicidade:
Margarete Rios Silva

RFM Editores

A **Revista Mundo Escolar** é uma publicação trimestral da **FTD Educação**, produzida pela RFM Editores com conteúdo exclusivo para seus leitores. Distribuição gratuita.

Impressão:
FTD educação | Gráfica e Logística

FTD Educação
Rua Rui Barbosa, 156
Bela Vista - São Paulo
CEP 01326-010 - www.ftd.com.br

Participe da Pesquisa Mundo Escolar

Querido leitor, sua opinião é muito importante para a escolha dos temas da Revista, escaneie o QR Code e responda algumas perguntas. É rápido e suas respostas são confidenciais.

Contamos com sua participação.

TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Brasil concentra 69% das edtechs da América Latina

ACHARAM SOLUÇÃO ONDE SÓ VIAM PROBLEMA

De que forma as edtechs oferecem ferramentas e serviços para otimizar a gestão escolar nas mais diversas áreas

As startups focadas no desenvolvimento de soluções tecnológicas para a educação são chamadas de edtechs e, no final do ano passado, já eram mais numerosas que as fintechs (voltadas ao setor financeiro) no Brasil.

De acordo com a pesquisa Report EdTech 2024, o país abriga 619 das 898 startups educacionais ativas na América Latina – quase 69% do total.

Um movimento natural nesse cenário é que, cada vez mais, essas soluções estejam presentes em escolas de pequeno e médio porte, e até mesmo nas grandes unidades e redes de ensino.

"Enxergo uma tendência muito forte baseada em softwares e soluções que possam ajudar o gestor na condução da escola, inclusive nos ambientes não pedagógicos", aponta o especialista e futurologista da área de tecnologia educacional, Adriano Lima.

A afirmação tem base no que foi apresentado em macropanoramas do segmento,

> AS ESCOLAS PROCURAM MAIS AGILIDADE, CONECTIVIDADE E CONTEÚDO ESPECIALIZADO

Lima, futurologista: edtechs são tendências mundiais

Divulgação

como as edições de Londres e São Paulo da feira Bett, com diversos players mostrando seus portfólios.

Além da gestão de conteúdos, desempenho e atividades em sala de aula, de acordo com Lima, há procura e espaço para o desenvolvimento de ferramentas voltadas à administração dos estabelecimentos, marketing, finanças e gestão de recursos humanos.

Ao contrário das empresas prestadoras de serviço que já estão estabelecidas no mercado, a história das edtechs não nasce de projetos grandiosos, conduzidos por times numerosos de uma organização. Como startups, os produtos são desenvolvidos em iniciativas mais empreendedoras.

"Ela oferece uma leveza estrutural que fornece a possibilidade de uma personalização e parametrização maiores; e o gestor acaba encontrando a possibilidade de resolver um problema por meio de uma solução que pode ser encomendada ou que pode ser feita ali, com a cara dele", diz.

Os cenários que abrigam esses negócios muitas vezes são as próprias casas dos fundadores--criadores, sendo o financiamento conduzido por investidores e políticas de fomento existentes.

"SUPERPODERES"

Ao possibilitar a personalização do ensino, novas experiências de aprendizagem, gestão pedagógica e administração escolar, nas palavras da diretora de marketing e vendas do App Diário Escola, Raquel Tiburski, "as edtechs são como superpoderes para gestores".

Suas atribuições, complementa, possibilitam controle e flexibilidade para acompanhar tudo o que acontece nos bancos escolares. "E mais: disponibilizam ferramentas para agilizar tarefas,

Divulgação

Tiburski, do Diário Escola: superpoderes para o gestor

otimizar processos e tomar decisões estratégicas com base em dados concretos", salienta.

A diretora compara a variedade de ferramentas oferecidas a peças de um brinquedo de blocos de montar. "Cada escola escolhe as ferramentas que se encaixam muito bem em suas necessidades e desafios", diz.

No contexto mundial, o cenário das edtechs também prossegue em plena expansão. A expectativa de crescimento anual é de 9,5%; e o faturamento deve mais que dobrar entre 2024 e 2032, segundo estimativa da Expert Market Research. O valor de US$ 230,62 bi deve chegar a US$ 540 bi na projeção.

Divulgação

Miura, da Pontue: altíssima excelência

VIVENCIAR A INOVAÇÃO

"Por trabalhar com conteúdo mais direcionado, as edtechs investem em equipes de pesquisa e desenvolvimento voltadas para a solução dos problemas específicos e, por essa razão, conseguem se adequar melhor às necessidades da escola, além de permitir maior acessibilidade por meio digital e possibilidade de personalização nas plataformas", opina o CEO da Zoom Education For Life, Rafael Bonequini.

"As redes de ensino e escolas procuram mais agilidade, conectividade e conteúdo especializado e, com o público de famílias cada vez mais exigente, seja pelo contato no mercado de trabalho ou pelo fácil acesso aos concorrentes, a pressão por inovação é presente, pois entendem que os filhos precisam vivenciar essa realidade, para desenvolver habilidades e competências necessárias ao longo da vida", pontua.

Para a CEO e fundadora da edtech Pontue, Cris Miura, falar desse ecossistema significa principalmente olhar as dores de uma instituição de ensino. "Ela vai ter uma solução especializada, de altíssima excelência nesse sentido", ressalta.

"Na minha escola, por exemplo, posso ter um problema com jovens com algum tipo de deficiência na aprendizagem; já na escola B, talvez eles não tenham essa necessidade", compara.

Miura faz uma analogia com um shopping center, onde diversos serviços estão lado a lado e o usuário escolhe apenas aquele que faz sentido para a sua realidade – afinal, não é obrigatório entrar em todas as lojas existentes.

IDEIA NA CABEÇA E MUITA PERSISTÊNCIA

A trajetória de quatro edtechs já consolidadas entre gestores de escolas

A gigante do varejo online Amazon, nasceu em uma garagem em Bellevue, Washington, nos Estados Unidos, em 1994. Foi também num espaço originalmente destinado a estacionar carros e guardar ferramentas e bugigangas de casa que nasceu, em 1976, a Apple, pelas mãos de Steve Jobs, Steve Wozniak e Ronald Wayne, hoje lendas reconhecidas da tecnologia mundial.

A comparação existe, apenas, para dizer que toda ideia tem um *insight* inicial e, geralmente, ele é rodeado de discrição e humildade.

ESCRITA QUE ENGAJA

A Pontue é uma edtech que reúne ferramentas relacionadas ao ensino da redação, com foco no engajamento dos estudantes, na avaliação e na correção.

A ideia nasceu em 2015, a partir das dificuldades notadas em sala de aula pela professora Cris Miura, que havia recém-inaugurado um cursinho de redação.

O que era um curso presencial logo se transformou em startup, conquistando um financiamento do Founder Institute. Desde então, foram diversas rodadas de investimento para que a plataforma fosse implementada para deslanchar.
A operação começou solitária, com a fundadora atuando *full time*. Na sequência, entraram mais dois sócios e, hoje, são 30 colaboradores.

"Foi uma trajetória complexa, com muitos desafios de vieses de gênero: sou mulher, sou mãe, sou lésbica, sou professora, tive muitos obstáculos por conta de quem sou; e isso impede muita gente de alcançar diversos lugares que, se fosse num outro perfil, chegaria de forma muito mais rápida e fácil", desabafa.

Hoje a Pontue está em todo o Brasil, chegando a dezenas de milhares de alunos. As perspectivas para 2025 são de uma escalada ainda maior, segundo ela. Serão mais de mil temas de redação para a produção de conteúdo e um sistema de correção desses textos que envolve os recursos de Inteligência Artificial (IA), mas também a intervenção humana, de uma base de 10 mil professores de Língua Portuguesa cadastrados.
"Foram sete anos que, na prática, parecem 70", brinca.

POTENCIALIZAR A APRENDIZAGEM

A história da Zoom Education For Life tem forte ligação com pesquisa e investimento – totaliza mais de R$ 50 milhões.

O início foi em 1996, marcado, em suas etapas pioneiras, por uma parceria exclusiva com a Lego Education que durou 18 anos.

"Outro princípio que consideramos muito importante é a assessoria técnico-pedagógica e suporte de qualidade às escolas para que nossa proposta seja de fato implementável e traga resultado no desenvolvimento dos estudantes", explica o CEO da edtech, Rafael Bonequini.

Hoje oferece um portfólio de soluções para o período curricular e complementar da educação básica, focado em metodologias ativas que integram STEAM, cultura

Ideia surgiu nos corredores da residência e hoje impacta 12 milhões de alunos

Pirovani, da Estuda.com: ideia nasceu de experiência pessoal

Divulgação

maker, robótica e pensamento computacional.

"A escola conta com a possibilidade de ampliação dessas soluções, integrando inovação e tecnologia com propósito não apenas para o desenvolvimento técnico, mas de habilidades e competências para que o estudante atue de forma autônoma, ética e reflexiva", explica.

A operação soma mais de 3 milhões de estudantes, com 6 mil escolas atendidas no Brasil e 50 mil educadores capacitados, segundo a empresa.

PONTE PARA VESTIBULAR DOS SONHOS

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e os grandes vestibulares do país foram o fio condutor para o nascimento da plataforma Estuda.com.

Observando as rotinas do irmão estudando para o Enem em 2013, o hoje CEO da empresa, Carlos Pirovani, teve a ideia da futura edtech. "Ele ficava baixando as provas de anos anteriores, uma a uma, para resolver as questões e, assim, avaliar seu desempenho – daí eu falei: por que não automatizar isso?'", conta.

E essa foi a dinâmica desde o início, cadastrando questões, interação dos usuários com essas avaliações, para gerar simulados personalizados e, em seguida, fornecendo relatórios detalhados sobre o desempenho.
Ao lado de um sócio da época da faculdade, começaram a startup educacional.

"Éramos jovens formados na área de tecnologia e, na hora em que você começa uma empresa, precisa fazer de tudo um pouco: desenvolvia, cadastrava, fazia marketing, respondia suporte. Inicialmente, só nós dois, daí alugamos uma pequena sala e contratamos dois estagiários e, ao longo do tempo, crescemos", recorda.

Hoje são 90 colaboradores e duas unidades de negócios: uma focada no estudante que vai prestar vestibular e outra B2B, que atende instituições e sistemas de ensino, fornecendo esses simulados, informações e recursos.

"Desde 2013 já impactamos mais de 12 milhões de estudantes em todo o Brasil. No Sistema de Seleção Unificada (Sisu) 2024 foram mais de 57 mil aprovados, que fizeram o Enem e conseguiram ingressar em faculdades públicas – mais de duas mil aprovações só no curso de Medicina", comemora.

PEDAGOGIA, FINANÇAS E COMUNICAÇÃO

As reclamações que geralmente aparecem nos grupos de mensagens de pais de alunos da escola foram o combustível, em 2013, para o desenvolvimento da edtech app Diário Escola.

O projeto-piloto nasceu do trio Antônio Berthêm, Israel Lemes e Marcus Drzewinski, que utilizaram seus conhecimentos técnico-profissionais para a proposta, inspirada em situações-problema na instituição onde estavam suas crianças. Também sócia-fundadora, a diretora de marketing e vendas, Raquel Tiburski, conta que o sistema passou a evoluir e a oferecer múltiplas soluções para atender necessidades da gestão escolar, nos âmbitos pedagógico, financeiro e de comunicação, com foco nas instituições de ensino da educação básica.

"É uma forma de atuar que faz parte de nossa história e que contribui para aproximar os sócios do dia a dia e das demandas de nossas mais de 1,2 mil escolas parceiras em todo o Brasil e até no Japão", comenta.

A sede da empresa app Diário Escola está na cidade de Canoas (RS) e conta com um time de 48 colaboradores, distribuídos entre operação, desenvolvimento de produto, suporte ao cliente com atendimento humanizado, marketing e vendas.

Abrange toda a gestão: acadêmica, pedagógica, financeira, comunicação, fluxo de entrada e saída de alunos, integração a sistemas de portaria (catracas e reconhecimento facial) entre outros recursos e funcionalidades, presentes em todos os dispositivos, como computadores, laptops, smartphones e tablets.

"Um dos diferenciais é oferecer funcionalidades customizáveis e personalizáveis, com respostas rápidas, seguras e eficientes, na palma da mão da gestão escolar", diz.

Disponível em todo o Brasil, o Diário Escola atende a mais de 130 mil alunos e 260 mil responsáveis de escolas da rede privada de ensino.

Em busca de tecnologias que tornem o educacional mais humanizado

Alves, da FTD Educação: soluções atuam em diversas frentes da gestão

Divulgação

Soluções para diversas frentes

Nos últimos anos, a FTD Educação investe no ecossistema das edtechs, adquirindo e se tornando sócia de diversas iniciativas como, por exemplo, as citadas nesta reportagem.

"No âmbito administrativo, as edtechs podem contribuir com a gestão dos dados e com o fluxo de comunicação institucional, com as famílias e alunos, além de simplificar controles internos, geralmente informais e pouco confiáveis, entre outros exemplos", explica a diretora de plataformas, inovação e avaliação educacional da FTD Educação, Ceciliany Alves Feitosa.

"Nos processos de aprendizagem, esses recursos têm apresentado excelentes soluções em sistemas de avaliações, simulados, correção de redação, gamificação, tutoria e outros recursos que tornam o processo de construção do conhecimento mais dinâmico e interativo", prossegue.

"Essas inovações têm sido aceleradas pela Inteligência Artificial (IA) – são ferramentas e sistemas que aprendem e se tornam cada vez mais eficientes", complementa.

No entanto, Alves reforça que não se trata da tecnologia pela tecnologia. "Parece contraditório, mas esse é o lado humano, pois buscamos recursos tecnológicos que tornem a Educação um processo mais humanizado para educadores, alunos e seus familiares – e quem pode assegurar isso é a gestão", conclui.

MARKETING EDUCACIONAL: COMO CRIAR VÍNCULO EMOCIONAL DURADOURO COM SEU PÚBLICO

Caminhos para utilizar estratégias de divulgação e comunicação em uma escola e, assim, alcançar bons resultados, sem tratar o educacional de forma puramente comercial

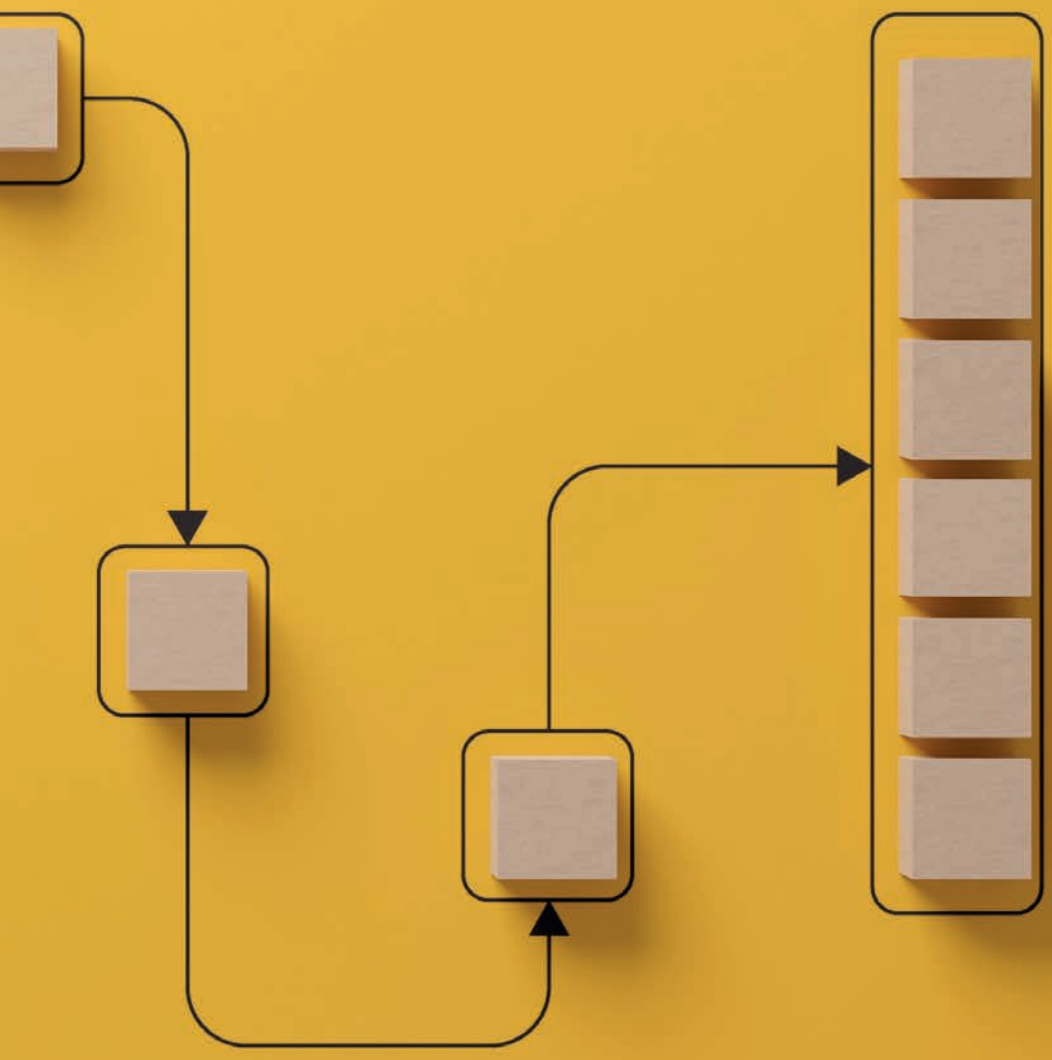
Como trabalhar ações inteligentes e assertivas no segmento de Educação

Educacional exige tom diferenciado na comunicação

Instituições de ensino, assim como outras organizações, devem se utilizar dos benefícios das estratégias de marketing e de posicionamento para comunicar sua escola ao mercado.

Existe uma linha que separa o tom de como se divulga um serviço educacional de outros produtos e serviços diversos que usam estratégias mais agressivas. Na Educação, é preciso entender que se trata de um segmento diferenciado e a adesão do público, pais e estudantes, acompanha uma abordagem mais específica.

Nas últimas duas ou três décadas, as ferramentas de interação com o público passaram a existir em



> AÇÕES DEVEM SER LEGÍTIMAS E ALINHADAS AO DNA DA ESCOLA

uma versão baseada na internet, com inúmeras possibilidades e potencialidades adicionadas – naquilo que hoje se chama marketing digital.

Essa vertente é, em sua essência, pautada no uso extensivo de canais digitais, principalmente redes sociais, e na produção de conteúdo dito "otimizado" para públicos e algoritmos de plataformas. Além, claro, das estratégias de posicionamento específicas nesses canais digitais.

Quando se pensa no marketing digital e em todos esses aspectos dentro do contexto escolar, é possível se deparar com algumas questões. Por exemplo: como tratar o tema Educação, com todas as suas peculiaridades? Como conciliar a gestão escolar, que também atua fincada no pedagógico, com as premissas de mercado intrínsecas a essas estratégias de operação?

Todas essas questões desembocam em um tema comum, uma questão-mãe, que é: quais os melhores caminhos para implementar essas ações dentro de uma instituição de ensino? É o que as respostas abaixo tentarão desvendar.

MARKETING DIGITAL NA EDUCAÇÃO: UM TEMA DELICADO?

Pode ser que, quando se pensa no uso de estratégias de marketing digital com foco em produtos e serviços mais "comuns" que se veem nas redes – um tênis, um smartphone, uma bolsa, um plano de celular –, haja dificuldade de colocar esses itens na mesma cesta da educação formal. Tendo em vista, claro, que se trata de um serviço prestado por uma instituição de ensino.

O educacional, no âmbito do marketing digital enquanto ferramenta de promoção, posicionamento e vendas, pode, sim, ser tratado de maneira à parte de outros dos segmentos de mercado. Clayton Oliveira, gerente de Marketing da **FTD Educação**, corrobora essa visão. "A Educação tem um impacto profundo e pessoal na vida dos estudantes e suas famílias, e é vista não apenas como um serviço, mas como um direito e um bem público. Portanto, há necessidade de sensibilidade

Divulgação

Oliveira, da FTD: autenticidade é crucial

e ética ao abordar o marketing nesta área", ressalta.

Para a professora de Marketing Digital na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Sandra Turchi, as instituições de ensino podem ser terrenos férteis para potenciais crises, o que torna especialmente delicado o trabalho com marketing digital.

"Tendo em vista que reúne muitos jovens, os quais geralmente são bastante conectados hoje em dia, o maior risco para uma crise institucional é o fato de qualquer deslize cair nas mídias sociais, o que pode fazer com que uma crise se alastre de forma muito rápida e incontrolável", explica a professora.

Uma das maneiras de estabelecer um posicionamento que evite esse tipo de crise, ou pelo menos forneça as melhores ferramentas para enfrentar e contornar essas situações, é trabalhar um planejamento digital pautado em conceitos sólidos e verdadeiros. O que, por outro lado, não exclui realizar ações que sejam lúdicas e criativas, adjetivos muito aderentes ao público escolar que precisa ser impactado.

É o que defende Bruno Bianchini, CEO da Freela, agência digital com quinze anos de experiência no segmento educacional, que reconhece as especificidades desse segmento na forma de comunicar e, também, nas ações criativas. "O marketing e a publicidade para o ambiente educacional são totalmente diferentes do marketing para produtos e serviços comuns, como um tênis, ou um pacote de viagem para Paris".

O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR

Conectar as estratégias de marketing digital com a realidade operacional da escola é uma questão sempre multidisciplinar

Divulgação

Bianchini, da Freela: educacional exige estratégias próprias

(em termos de gestão), mas há uma figura central que administra e leva o processo adiante: o gestor escolar. O que se percebe é que tais iniciativas nem sempre foram abraçadas pelos gestores. Mas o cenário está mudando.

"Antigamente, havia uma barreira e um certo preconceito com ações de marketing no âmbito escolar, por acharem que a escola seria tratada como um mero produto/serviço", relata Bianchini, que complementa: "Hoje, a maioria dos gestores entende a importância dessas práticas, embora muitos estejam confusos em relação às ações que devem ser implementadas e o que vai realmente trazer resultado para a escola".

Hoje já existe a tendência de aceitação dessas propostas por parte dos gestores, muito devido a mudanças de contexto. Por exemplo, houve, nos últimos

Conectar as estratégias de marketing digital com a realidade operacional

anos, uma alteração de demanda por parte de pais, alunos e mercado para que as instituições se posicionassem no mundo digital.

Uma dessas mudanças se refere ao comportamento do consumidor diante das potencialidades da era da informação. "As famílias de hoje buscam informações e são seletivas ao escolherem a Educação para seus filhos. Utilizam a internet para pesquisar e comparar opções, o que torna o marketing digital uma ferramenta essencial para as escolas se destacarem", comenta Oliveira.

Outro componente desse efeito é a busca por uma instituição de ensino que não apenas ofereça o "bê-á-bá" da educação básica, mas também alguma forma de identificação com quem procura esses estabelecimentos. "O uso do marketing de forma cada vez mais estratégica tem sido percebido pelos gestores como algo fundamental, dado que é essa área que fica incumbida de não apenas atrair candidatos, como também cuidar da experiência do aluno em diferentes etapas do seu relacionamento com a instituição", diz Turchi.

AFINAL, COMO FAZER MARKETING DIGITAL NA ESCOLA?

Um dos ativos mais importantes em qualquer estratégia de marketing digital é a experiência do consumidor. No caso de serviços educacionais, essa relação se torna um pouco mais complexa – afinal, a comunidade escolar é composta por públicos diversos, com expectativas, vivências e bagagens também diferentes entre si.

Para que se possa entender melhor, basta pensar em cada ator da comunidade escolar – alunos, pais de alunos, professores, funcionários, gestores – e em suas demandas particulares. É partindo desse prisma que Oliveira defende uma comunicação autêntica e transparente como uma das principais ferramentas na busca por eficiência e resultados.

Turchi, da Digitalents: risco de crises digitais

Divulgação

Dicas dos especialistas

Trazer à tona ideias de estratégias de marketing no âmbito escolar faz com que se perceba quão vasto é o assunto. Pensando nisso, especialistas ouvidos dão mais algumas dicas.

▶ **A relação entre os dados e os melhores resultados**

"O uso inteligente de dados pode orientar a criação de campanhas mais eficazes e personalizadas. Isso inclui análise desse material para entender melhor o comportamento e as preferências do público-alvo, bem como para medir o desempenho de campanhas existentes" (Clayton Oliveira, gerente de Marketing da FTD).

▶ **Diversidade e vários pontos de vista**

"É importante trabalhar em prol da diversidade na composição dos seus times, o que ajuda na ampliação da visão e na prevenção de erros que gerem problemas e crises" (Sandra Turchi, autora do livro *Estratégias de Marketing Digital e E-commerce*).

▶ **Times de captação**

"Criar e/ou treinar uma equipe dedicada à captação de novos alunos, que precisa ser ágil, entender a jornada inteira do primeiro contato até a matrícula, e entender um pouco de métricas e ferramentas, como CRM, por exemplo" (Bruno Bianchini, CEO da Agência Freela).

“Manter a autenticidade é crucial no marketing educacional. As escolas devem esforçar-se para que sua comunicação reflita verdadeiramente a experiência que oferecem, incluindo a qualidade do ensino, os valores institucionais e a cultura escolar. A autenticidade ajuda a construir confiança com os alunos potenciais e suas famílias, fortalecendo a reputação da instituição a longo prazo”, explica.

Outra questão importante, que é levantada por Turchi, é sobre os receptores desse planejamento. Nesse sentido, a especialista diz ser “de fundamental importância ter um profundo conhecimento do público-alvo, seja da instituição, ou mesmo de cada curso, que pode variar. Sem esse conhecimento, a comunicação corre o risco de não ter engajamento e resultado”.

Uma vez alicerçados pela definição dos grupos impactados com a comunicação da escola, é preciso também que tais estratégias ganhem forma como informação rica, relevante e, principalmente, real. Para Bianchini, isso pode ser materializado em uma espécie de busca e definição do DNA da escola. “Consiste em definir junto à direção, coordenação e professores quais são os pilares que sustentam o projeto pedagógico, quais as verdadeiras forças e diferenciais da escola”, explica.

“GESTORES ESTÃO MAIS ABERTOS AO MARKETING E BUSCAM TRANSPARÊNCIA NAS ESTRATÉGIAS”

A lição que fica é a de que, a despeito dos desafios e das singularidades do segmento da educação, em especial os do ensino básico, há muito terreno a ser desbravado e conquistado nos espaços escolares pelo marketing, seja este o tradicional ou o digital. Os caminhos já estão traçados para quem quiser cruzá-los, e alcançarão os melhores resultados aqueles que conseguirem conciliar a escola e essas ações sem crises e desconfiguração das propostas educacionais.

Análise de dados é fundamental para estratégias sólidas e eficientes

POR QUE A FOTO DO MEU FILHO NÃO ESTÁ NA REDE SOCIAL DO COLÉGIO?

Se por um lado esses canais são ferramentas de divulgação e comunicação com a comunidade escolar, por outro, exigem cuidados sobre a exposição excessiva

Colégios estão exibindo alunos em atividades internas nas redes sociais institucionais

A frase-título deste texto está, cada vez mais, presente no dia a dia de gestores escolares de instituições dos mais diversos perfis. É uma problemática dos tempos hiperconectados. O mundo digital trouxe algumas novas questões para serem respondidas, assim como também resgatou e potencializou velhas discussões.

Uma dessas dúvidas que partem das plataformas online está diretamente ligada ao ambiente escolar e se transformou em caso para a Justiça e para o Ministério Público: pode a escola publicar fotos dos alunos no seu perfil institucional nas redes sociais (Instagram, Facebook, TikTok, YouTube etc.)?

Trata-se de uma abordagem que tem tudo a ver com os cuidados necessários ao se vincular ações de marketing digital ao contexto educacional, e com um forte agravante. Afinal, trata-se da exposição de menores de idade nessas publicações.

OLHA SÓ QUEM SAIU NO INSTAGRAM DO COLÉGIO

Não é incomum hoje observar os perfis nas redes sociais de colégios mostrando seus alunos nos mais diversos tipos de atividades e, em paralelo, a

comunidade escolar comentando sobre quem apareceu por lá, em rodas de conversa nos portões de entrada e saída e em grupos de bate-papo.

Muitos não veem problema nisso, quando, na verdade, essa é uma questão de extrema importância e que deve ser observada pelos pais dos menores. "As redes sociais são plataformas amplamente acessíveis e de rápida disseminação, o que pode amplificar os riscos do uso inadequado ou não autorizado destas imagens", explica a promotora de Justiça do Ministério Público do Paraná, Beatriz Leite.

Além da agilidade com que esse conteúdo se espalha pela rede, há um outro ponto: trata-se, para quaisquer fins, de material visual de natureza perpétua na rede.

Essa é uma preocupação que deve ser central, alerta a gestora do Contencioso Digital do Opice Blum Advogados, Marina Costa. "A verdade é que uma vez postado (o conteúdo), é muito difícil ter volta de algum modo. Então é preciso redobrar a responsabilidade quando estamos diante de uma postagem na internet e, principalmente, nas redes sociais, considerando a natureza e nuances dos meios digitais."

AUTORIZAÇÕES PARA USO DE IMAGEM E A LGPD

Há de se argumentar que os colégios, em sua ampla maioria, lançam mão de ferramentas para lidar com essas questões – como, por exemplo, os termos de autorização para uso da imagem dos jovens que os pais assinam no ato da matrícula.

"Esses modelos podem ser problemáticos, caso não sejam elaborados de maneira adequada – por exemplo, quando apresentam seus termos de forma extremamente genérica, sem deixar claro o contexto efetivo em que a imagem [do aluno] poderá ser utilizada", diz Costa. Ainda segundo a advogada, o que acontece muito é a escola determinar uma utilização específica para o uso das imagens e, depois de um tempo, começar a usar as fotos nas redes sociais.

Divulgação

Leite, do MP do Paraná: alerta ao uso não autorizado de imagens

Leite ressalta os mesmos problemas e ainda complementa: "Em termos gerais, esses modelos frequentemente não observam de maneira adequada as disposições da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), especialmente no que se refere às informações de crianças e adolescentes".

A promotora explica ainda que a legislação, aprovada em 2018, exige o consentimento expresso dos pais ou responsáveis legais para o tratamento de dados pessoais de menores de idade, e que autorizações com dispositivos genéricos podem resultar em violações de privacidade e no uso indevido das imagens dos alunos.

É certo que existe hoje um enorme desafio: o de adequar as novas lógicas de comunicação e promoção aos direitos das crianças e adolescentes, de modo que estes possam desfrutar de segurança física, mental e emocional, dentro e fora dos muros da escola.

Gestores devem estar atentos ao modelo de autorização disponibilizado aos pais de estudantes

Costa, da Opice Blum: conteúdo postado não tem volta

Divulgação

DIAS DE REFLEXÃO PARA DEFESA DA CASA COMUM

XI Integra discutiu sustentabilidade, sob a perspectiva das EDS, ODS, ESG. Ecologia Integral, Ecoteologia e ética planetária, lançando um olhar para a COP30

Evento teve representantes de mais de 700 escolas católicas

Divulgação

XI Integra reuniu gestores para discussão de temas que vão nortear as redes

Nos textos das encíclicas do Papa Francisco, o conceito de Casa Comum, segundo a Laudato Si, refere-se aos cuidados com o planeta. Esse olhar foi o fio condutor do XI Integra com o tema: *Educar para o desenvolvimento sustentável*, realizado na cidade de Aparecida (SP), reunindo mais de 70 congregações de todo o país, que representam mais de 600 escolas católicas.

É o principal acontecimento anual voltado ao ensino confessional, que discute temas importantes para todas as redes e que vão nortear as atividades pedagógicas e administrativas.

Nesta edição, os tópicos abordados envolveram assuntos como a Campanha da Fraternidade 2025 e a aguardada 30ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP30), que será realizada em novembro do ano que vem em Belém (PA).

Como avaliou numa rede social o diretor-geral da **FTD Educação**, Ricardo Tavares, no decorrer dos anos a iniciativa teve crescimento exponencial. "Quando iniciamos em 2014, eram apenas 12 redes confessionais representadas – hoje são mais de 100 integradas nesse programa, que oferece soluções em tecnologia, inovação e serviços para a educação", comenta.

NOVO MOMENTO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA

Essa foi a classificação dada pelo consultor do Dicastério para a Comunicação do Vaticano, o colombiano Dr. Óscar Elizalde Prada, que usou esses termos em sua palestra. "A capacidade de sobrevivência e adaptação dos sistemas vivos é diretamente proporcional à sua capacidade de processar informações (...) e, sob a liderança do Papa, a escola católica passou a entender a necessidade de entrar em um novo tempo para responder às novas realidades, à crise planetária, à crise socioambiental, que ameaçam o presente e o futuro da humanidade e da Casa Comum", diz.

O doutor em Comunicação prossegue utilizando as falas do sumo pontífice que, durante o lançamento do Pacto Global de Educação, fez um apelo para que se adote a Educação como "um ato de esperança", o que inclui o reconhecimento de que ela deve promover o "desenvolvimento humano integral e sustentável"

e a "proteção do planeta". Dessa forma os educadores podem ser "poetas de uma nova beleza humana".

Por essas premissas, Prada estabelece a missão que inclusive dá título à sua palestra, que é um chamado para que as instituições confessionais sejam um "verdadeiro laboratório de sustentabilidade" que assume um papel decisivo na Agenda 2030 e nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), abraçando os imperativos da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS).

CAIXA DE FERRAMENTAS

Em termos práticos, essa transformação da escola em laboratório tem auxílio de recursos como a citada "caixa de ferramentas ecoeducacionais".

> **"TRANSFORMAR A ESCOLA EM UM LABORATÓRIO DE FERRAMENTAS ECOEDUCACIONAIS"**

O exercício tem inspiração no popular cubo de Rubik, também conhecido como cubo mágico, desenvolvido em 1974 pelo professor Ernõ Rubik. "Apela para a criatividade, para a capacidade dos educadores de adaptar um ecossistema de ferramentas educativas que, a propósito, não se sobrepõem uns aos outros, nem implicam uma certa hierarquia ou ordem linear para seu planejamento e execução", explica.

Prada, do Vaticano: um novo tempo para as novas realidades

Divulgação

Os seis lados dessa proposta são um chamado urgente à ação para que a escola católica se una, sem demora, a iniciativas educacionais eficazes, aos 17 ODS e à EDS.

"Alguns apelam para a capacidade de desenvolver o pensamento crítico; outros são orientados para a promoção de uma espiritualidade ecológica; outros ainda para a promoção de boas práticas de sustentabilidade; e há também um apelo explícito para assumir escolhas educomunicacionais e institucionais exemplares, e para investir na formação de competências ecossustentáveis", prossegue Prada.

EDUCAÇÃO CONTRA A DESINFORMAÇÃO

O consultor também chama a atenção para um fenômeno presente em todos os segmentos, que são as *fake news*, também incidentes nas questões ambientais.

"Há uma pandemia que nos afeta diariamente: a da desinformação; daí o papel insubstituível das escolas como formadoras de pensamento crítico", alerta, citando a reflexão do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han – a democracia está se degenerando em "infocracia" e "midiocracia".

Esse risco é evidente, também, em mapas de desmatamento, de poluição atmosférica e de contaminação de mares, rios e bacias, por exemplo, que foram precedidos por discursos e campanhas desenvolvimentistas com promessas de progresso.

"A escola católica deve assumir uma postura profética em favor da verdade e do bem maior, em defesa da vida e do cuidado com a Casa Comum", reforça.

Por fim, destacou o papel do que ele chama de "educomunicação" nesse processo. "É uma abordagem educacional que integra processos de comunicação e educação, que busca promover a construção de conhecimento de forma participativa e colaborativa, utilizando diferentes meios e linguagens", explica.

Junto com a proposta está o desafio de traduzir o conhecimento relacionado ao desenvolvimento sustentável, aos ODS e à EDS em peças ou produtos de comunicação relevantes que não passem despercebidos como uma "paisagem diante da saturação de informações que inundam as redes", diz.

PACTO EDUCATIVO GLOBAL

Figura já conhecida e admirada de outras edições do Integra, o representante do Dicastério para a Cultura e a Educação do Vaticano, padre Ezio Lorenzo Bono, destacou em sua fala pontos sobre *Vade-mécum*, relacionados ao Pacto Educativo Global.

Escola tem papel insubstituível na formação do pensamento crítico

Dentre eles, está o de: "Cuidar e cultivar a nossa Casa Comum, protegendo os seus recursos, adotando estilos de vida mais sóbrios e visando energias renováveis e respeitosas do meio ambiente".

Também ressaltou caminhos para "estudar novas formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, a serviço do homem e de toda a família humana na perspectiva de uma ecologia integral".

E, ainda, a proposta de "ver na família o primeiro e indispensável sujeito educador".

DE OLHO NA COP30

Conforme se aproxima a realização da COP30, as reflexões

FORMAR CIDADÃOS PARTICIPATIVOS PARA DEFENDER A SUSTENTABILIDADE

de Bono também focaram essas temáticas, no que o palestrante ressaltou a importância de se preparar para o acontecimento.

"Temos de ser cidadãos participativos, estar informados, defender os direitos dos mais fracos, combater a pobreza e defender políticas de sustentabilidade", enumerou.

Ainda sobre a conferência, alertou sobre a necessidade de inverter a "tendência auto-destrutiva" para temas ligados ao meio ambiente. "É urgente reduzir o consumo não só de combustíveis fósseis, mas também de muitas coisas supérfluas; e do mesmo modo, em certas regiões do mundo, é conveniente consumir menos carne: também isso pode ajudar a salvar o meio ambiente", pontuou durante sua palestra.

Por fim, exaltou as mulheres amazônicas e sua atuação no futuro sustentável da maior floresta do planeta. "Serão, sobretudo, elas que salvarão a Amazônia, cuja missão é dar vida ao mundo carregando no ventre novas criaturas; não são movidas por interesses egoístas masculinos, mas serão de novo as guerreiras que defenderão o ventre da floresta tropical para que ela possa continuar a dar vida ao mundo inteiro", concluiu.

Divulgação

Bono, do Vaticano: cuidar e cultivar nossa Casa Comum

Evento teve lançamento da Trilogia Integra

As obras *Gerir a escola católica com espiritualidade* e *Educação e gestão em transcendência* foram reeditadas e acompanhadas do lançamento de um terceiro volume, *Reencantar-se*.

Amplamente conhecidos no segmento, os três títulos são assinados pelo mestre em Educação, e assessor do Integra, Rodinei Balbinot. Saiba mais sobre as obras.

Divulgação

Gerir a escola católica com espiritualidade

Autor: Rodinei Balbinot

Editora: FTD Educação

Este livro apresenta um indicador eficiente para acompanhar processos e planejamentos estratégicos das mantenedoras a partir de uma metodologia que une os princípios da gestão com os princípios pastorais da espiritualidade, não apenas com embasamento teórico robusto, mas, com a vivência carismática dessas mantenedoras. Esse indicador parte das competências para a espiritualidade, passando pelas habilidades, atitudes e valores, Balbinot irá denominá-lo como Metodologia C.H.A.V.E..

Divulgação

Educação e gestão em transcendência

Autor: Rodinei Balbinot

Editora: FTD Educação

Na obra, gestão e teologia se encontram com a pedagogia; e a transcende. A teologia, enquanto ciência, tem a tarefa de escutar as fontes e refletir sobre os dados colhidos, sempre buscando sua compreensão pelos dados da fé e, semelhantes aos processos fundamentais da gestão, deve assumir os processos de tomadas de decisão e sua operacionalização. Relacionadas entre si, a gestão, a pedagogia e a teologia contribuem mutuamente com a perenidade identitária e missionária da educação católica que nasce de um carisma fundante, onde, inclusive, deve permanecer.

Divulgação

Reencantar-se

Autor: Rodinei Balbinot

Editora: FTD Educação

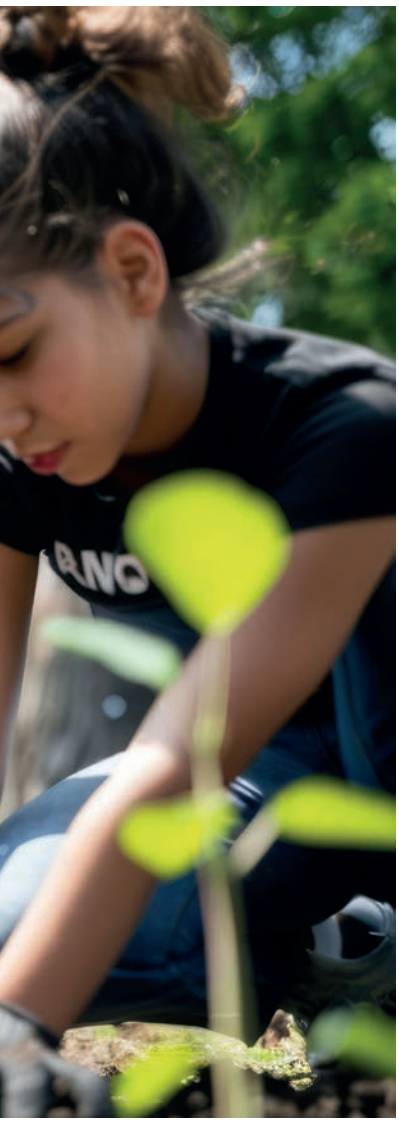
Este livro nasceu da percepção de uma dupla necessidade: reencantar-se com o conhecimento e entusiasmar-se com a vida. Esperava-se mais do ser humano após passar pela pandemia. Mais fraternidade, mais solidariedade, mais humildade, mais compromisso com o cuidado da Casa Comum, mais consciência de progresso sustentável, mais responsabilidade social, mais amizade social. Sabe-se que a educação é o caminho por meio do qual se formam os seres humanos. Mas ela não é um caminho já dado e determinado na direção da humanização. Portanto, é pela práxis educativa que se constrói uma nova humanidade, mais encantada com o conhecimento e entusiasmada com a vida.

Fonte: Julio Souza, especialista em Redes Confessionais no Brasil.

EXEMPLOS DE PRÁTICAS AMBIENTAIS, SOCIAIS E DE GOVERNANÇA NA ESCOLA

A tendência de contemplar os demais pontos de ESG está se fortalecendo

Como estabelecer uma agenda de projetos e ações sustentáveis nas instituições de ensino e promover engajamento na comunidade escolar



A ideia foi apresentada por um professor de química do colégio Sagrado Coração de Maria, de Brasília (DF), que propôs o projeto de uma fábrica-escola de sabão. A iniciativa tinha origem sustentável e, no campo do aprendizado, trabalharia conceitos de outras áreas do conhecimento, como matemática e biologia, em uma atividade prática e didática. A dúvida inicial era se os estudantes iam se engajar.

"Os alunos adoraram e 'compraram' muito essa ação", conta a coordenadora de Processos Educacionais da rede Sagrado Coração de Maria, Maria Beatriz Silva, que conta que o projeto faz parte de um dos princípios da rede, que é o cuidado com a Casa Comum. A atividade foi incorporada à rotina da instituição, com a participação das famílias, e os resultados são surpreendentes.

"A fábrica-escola de sabão é responsável pela produção de 70% de todo o material de limpeza utilizado na unidade – e os familiares ajudam, levando o óleo descartado para a fabricação do produto", comenta.

Na 'fábrica' se produz também detergente, álcool e, mais recentemente, com a alta dos casos de dengue, foi incorporado ao portfólio o desenvolvimento de repelente, que é distribuído aos estudantes e suas famílias.

Essa é apenas uma das vertentes sustentáveis da rede, que também trabalha outros temas em suas demais escolas, como coleta seletiva e projetos para instalação de energia fotovoltaica. Uma prova de que a implementação de uma agenda ESG é possível e vai muito além da teoria.

Para a gerente de Negócios de Recursos Humanos da **FTD Educação**, Beth Loureiro, no contexto educacional a aplicação dessa temática é de suma importância. "Se torna crucial, já que as instituições de ensino desempenham um papel significativo na formação de indivíduos conscientes e responsáveis", diz.

ALÉM DO AMBIENTAL

Loureiro ressalta, ainda, um ponto importante que passa a ser mais exigido quando o assunto são os pilares ESG – a importância de um olhar com maior atenção para o S, ou seja, o social.

"Embora o foco inicial do ESG no setor educacional possa estar na dimensão ambiental, como práticas de sustentabilidade, gestão de resíduos e eficiência energética, há uma crescente conscientização sobre a importância de abordar também os aspectos sociais e de governança", pontua.

Nesse âmbito enumera questões como diversidade, equidade e inclusão, ética e transparência na gestão, bem como a qualidade da educação oferecida.

A tendência de contemplar os demais pontos de ESG está se fortalecendo à medida que as partes interessadas, como estudantes, pais, colaboradores e investidores, exigem uma abordagem mais holística e responsável das instituições educacionais.

"A integração efetiva desses princípios pode contribuir para uma cultura institucional mais sustentável, resiliente e ética, beneficiando não apenas a

> O ESG TAMBÉM SE FAZ PRESENTE NAS POLÍTICAS DE RECURSOS HUMANOS

Divulgação

Loureiro, da FTD Educação: aspectos sociais e de governança

comunidade escolar, mas também a sociedade como um todo", complementa.

POLÍTICAS DE RH

O ESG também se faz presente nas políticas de recursos humanos, que desempenham um papel fundamental no fortalecimento da inclusão e da diversidade dentro de uma organização.

Um exemplo está na contratação de talentos, que deve ser inclusiva. "Podem estabelecer diretrizes claras para garantir que o processo de recrutamento e seleção seja diverso, equitativo e afirmativo", explica a gerente, que indica a inclusão e a definição de metas de diversidade para as equipes de contratação, com a implementação de treinamentos para letramento e conscientização sobre vieses inconscientes – padrões de pensamento que, de forma subconsciente, podem afetar a clareza de certos julgamentos.

Na fileira de desenvolvimento e capacitação, é possível promover a evolução profissional de todos os colaboradores, independentemente de sua origem ou identidade, oferecendo programas de treinamento que abordem questões relacionadas a diversidade, inclusão, habilidades interculturais e de liderança.

Construir uma cultura organizacional inclusiva está no direcionamento de propostas que valorizem as diferenças e o respeito mútuo. "Isso pode incluir a implementação de códigos de conduta, criação de comitês para essa área, celebração de eventos e datas importantes relacionadas ao tema", enumera.

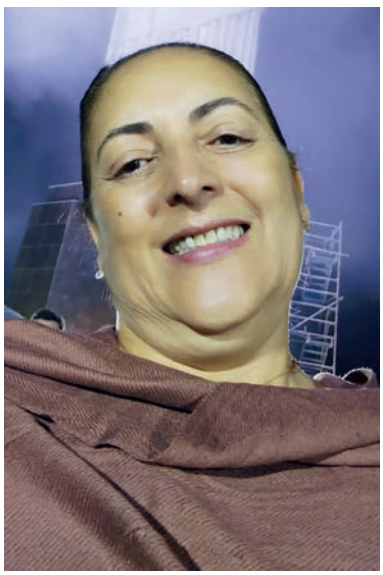
Esses pontos devem ser valorizados, ainda, nas avaliações de desempenho, promoção, nas ações de comunicação e engajamento dos times.

"Em resumo, as políticas de RH desempenham um papel essencial no fortalecimento do pilar inclusão e diversidade, ajudando a criar um ambiente de trabalho mais justo, equitativo e acolhedor para todos os colaboradores", afirma.

A "REVOLUÇÃO DOS BALDINHOS"

O nome pode até ser jocoso, mas os resultados dessa proposta do colégio Jesus Maria José, de São Simão (SP), são bem sérios. A unidade filantrópica que atende, em período integral, 275 crianças e adolescentes em vulnerabilidade social,

Silva, da Sagrado Coração de Maria: alunos "compraram" a ideia



Divulgação

desenvolve diversos projetos para incentivar o protagonismo nesses estudantes, inclusive com atenção à sustentabilidade.

Desde 2019, as iniciativas dentro dos muros da escola repercutem até mesmo na sociedade local, por meio de parcerias com a prefeitura daquele município.

No entanto, foi o trabalho com compostagem que levou os estudantes do colégio a um encontro nacional com líderes municipais, realizado na cidade de Holambra (SP), em 2023. O evento foi marcante para esses alunos e, na volta do encontro, nasceu a chamada "revolução dos baldinhos".

"Os estudantes recebem um balde e o levam para suas casas; uma vez por semana o trazem de volta com as sobras de resíduos orgânicos para depositarem na composteira", comenta a gerente pedagógica da Rede Jesus Maria José, irmã Marcia Aparecida Brito.

De janeiro a maio, foi colocado para compostagem o equivalente a uma tonelada de resíduos orgânicos, que gerou 800 kg de composto, um adubo natural que pode ser utilizado na agricultura, jardinagem etc. A unidade recebeu o selo de Escolas pelo Clima, e o título de Atitude Cidadã. "Para mim, o maior resultado foi desenvolver o protagonismo entre as crianças e adolescentes, mostrando outras possibilidades", avalia a irmã Marcia Brito.

ENGAJAMENTO SOLIDÁRIO

Na Companhia das Filhas de Santa Teresa de Jesus, em

"

Como fortalecer o "S", de social, na atuação no educacional

Diversidade e inclusão

Ambiente escolar inclusivo que valorize a diversidade em todas as suas formas, incluindo raça, etnia, gênero, orientação sexual, religião, habilidades e origem socioeconômica.

Bem-estar e saúde mental

Suporte emocional, acesso a serviços de aconselhamento e promover uma cultura de cuidado e respeito mútuo. Lidar com questões como ansiedade, estresse e bullying.

Acesso equitativo à educação

Garantir que todos os alunos tenham acesso igualitário a oportunidades educacionais de qualidade, independentemente de suas circunstâncias pessoais ou socioeconômicas.

Envolvimento com a comunidade

Estabelecer parcerias com organizações e instituições locais para promover o envolvimento dos alunos na comunidade e oferecer oportunidades de aprendizado prático e serviço comunitário.

Responsabilidade social e cidadania

Incentivar alunos a se envolverem em questões sociais e comunitárias, promovendo valores de responsabilidade social, cidadania ativa e engajamento cívico.

Fonte: Beth Loureiro, **FTD Educação**

Divulgação

Brito, do Jesus Maria José: premiação ambiental

Sant´Ana do Livramento (RS), as ações foram norteadas pelo Pacto Educativo Global, atendendo ao convite do Papa Francisco para realizar um projeto em que toda a escola estivesse envolvida. Os eixos de atuação escolhidos foram os temas fraternidade e fome.

"Não há quem não conviva com a experiência de pessoas em situação vulnerável nesse contexto. Como colégio, convocados a dar resposta ao grande desafio, alargando nossos espaços, tendas, casas e, principalmente, o nosso coração para doar um pouco do que somos e temos com aqueles que pouco ou nada tem", explica a vice-diretora e coordenadora administrativa financeira, irmã Maria das Graças Verônica de Lima.

Lima, das Filhas de Santa Teresa de Jesus: compromisso com os mais vulneráveis

Divulgação

O tema sensibilizou os estudantes, que se engajaram na realização de diversas atividades com o objetivo das campanhas. Com isso, entraram em contato com um cenário social que nem todos conheciam.

"Educar é abrir os olhos para a realidade e, com essas experiências, foi possível obter resultados práticos de compromisso com os mais vulneráveis", explica a vice-diretora.

Os próprios estudantes realizaram ações entre amigos e, com o valor arrecadado, compraram alimentos para doar, promoveram jogos interséries solicitando 1 kg de alimento ou material de higiene como entrada. "Tudo isso gerou engajamento solidário, despertando, assim, o espírito de equipe e liderança", diz.

O colégio, conta irmã Lima, proporcionou aos estudantes o deslocamento aos diferentes contextos para realizar a entrega dos donativos. "Caminharam a pé, entraram nas casas das famílias, fazendo a escuta das mesmas, levando palavras de conforto e esperança; alguns deles se sensibilizaram tanto que, por conta própria, retornaram ao local, levando sua família, para fazer doações fora do período escolar", comenta.

Na visão de Loureiro, da **FTD Educação**, esse tipo de contato externo enriquece a experiência e legitima uma agenda ESG. "Ao envolver a comunidade, é possível criar um ambiente onde os princípios de responsabilidade ambiental, social e corporativa são valorizados e praticados em benefício de todos", conclui.

Os cases de ESG apresentados nesta reportagem foram divulgados durante o XI Integra, realizado no final do mês de maio em Aparecida (SP)

ECOLOGIA INTEGRAL E O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO

A Educação pode contribuir de forma significativa e avançar muito na consciência e na formação da cultura voltada para a sustentabilidade

Durante a semana do meio ambiente, realizada no início de junho, gestores e lideranças participaram do lançamento do Relatório de Sustentabilidade 2023 do Grupo Marista, com as ações das Frentes de Missão – **FTD Educação**, PUCPR, Hospital Universitário Cajuru e Hospital São Marcelino Champagnat.

O evento selou, mais um ano, o compromisso de ter uma estratégia ESG, tanto para o grupo quanto para cada frente da missão, como são chamadas as unidades de negócio.

Poucos dias antes, durante o XI Integra, realizado em Aparecida (SP), representantes de escolas levaram os resultados práticos de ações desenvolvidas, mostrando estudantes engajados e comunidades impactadas positivamente.

Foi sob esse cenário que a revista **Mundo Escolar Gestão** entrevistou a diretora de Relações Institucionais e Governamentais do Grupo Marista, Carmem Murara, que falou sobre Ecologia Integral e como esse assunto impacta o dia a dia escolar e, principalmente, o futuro da sociedade.

"O Integra foi uma grata experiência e vivência, ali a gente constata que muitas escolas trabalham o conceito

Murara, do Grupo Marista: escolas já trabalham ambiental e social com alunos

Divulgação

da sustentabilidade ambiental e social com os seus alunos, em projetos maravilhosos", comenta.

Falar de Ecologia Integral é entender que os problemas ambientais caminham junto com as questões sociais, econômicas e culturais. Onde entram os gestores escolares nessa equação?

É difícil separar os problemas sociais e ambientais. Um caminha ao lado do outro, já está comprovado por vários exemplos que as populações de mais baixa renda vão sofrer mais as consequências da crise ambiental. Ao promover as melhorias ambientais, você está garantindo, também, melhorias sociais para as populações.

Os gestores escolares têm grande responsabilidade em transmitir conhecimento e educar os alunos para o meio ambiente, para a sustentabilidade ambiental, transformar gerações, para que sejam conscientes da responsabilidade com o planeta, com a sua conservação. Avalio que os gestores têm papel significativo para mudar o mindset da sociedade. Se os alunos forem bem educados e conscientes ambientalmente, vão influenciar suas famílias de um modo geral e isso acaba contribuindo e alavancando a conservação do meio ambiente.

As matrizes educacionais brasileiras têm forte apelo técnico no que diz respeito aos conteúdos trabalhados em sala de aula. Esse contexto tem mostrado algum tipo de evolução no que tange à formação de cidadãos para o mundo?

Tenho acompanhado bastante as discussões sobre o Plano Nacional de Educação (PNE) e um dos pontos abordados é a questão da sustentabilidade ambiental. Nesse sentido, acredito que isso está na pauta, hoje, da educação brasileira. É necessário avançar. O tema também foi discutido na última Conferência Nacional de Educação (Conae), para que os alunos tenham conteúdo de qualidade e, também, há pressão para que as escolas sejam ambientes físicos sustentáveis.

Eu acredito sim, que as matrizes educacionais têm avançado e tido um comprometimento maior na questão educacional voltada para as causas ambientais. É óbvio que poderíamos avançar

Direcionadores, metas e projetos para avançar em cada um dos pilares

QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE ESTÁ EM PAUTA NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

com mais força, com mais rapidez, mas é preciso entender nosso contexto educacional. E aí entra o compromisso das escolas, das redes de ensino, dos sistemas de educação, em promover espaço para os alunos atuarem uma educação mais voltada para a sustentabilidade.

Levando em conta o trabalho desenvolvido e apresentado pelo Grupo Marista, existe um direcionamento para o olhar mais integral desses conceitos?
Estamos estruturando, de uma maneira forte, a nossa estratégia ESG. Já temos direcionadores, metas e projetos para avançar em cada um dos pilares,

seja no social, no ambiental e na governança. Lançamos recentemente o nosso terceiro relatório de sustentabilidade, pelo segundo ano consecutivo sob as metas do modelo internacional do Global International Report (GRI), seguindo o mesmo padrão e, neste documento, trazemos todos os indicadores e avanços que nós estamos conquistando dentro das nossas unidades de negócio e também dentro das áreas corporativas.

Apesar de os pilares ESG estarem em alta em diversos segmentos no país, na sua opinião, o eixo da educação tem ocupado espaço importante nessa tendência? De que forma o setor educacional deve ser inserido nesse tema?
A educação pode contribuir de forma significativa e avançar muito na consciência e na formação da cultura voltada para a sustentabilidade. Se eu promovo, por meio do ensino, os conceitos corretos da conservação ambiental, das melhorias, do avanço social e também da governança. Vou formando alunos, vou formar crianças, jovens e adolescentes preocupados e mais responsáveis em torno da sustentabilidade.

Se cada vez mais as matrizes curriculares, todo o arcabouço educacional e a pedagogia forem voltados para educar estudantes, penso que teremos futuras gerações muito mais conscientes e trabalhando em prol de causas sustentáveis.

VOZES ANTIRRACISTAS E SEUS ECOS NO EDUCACIONAL

Atividade "investigando a melanina" com as crianças da Nelson Mandela

As vivências e propostas de letramento racial e luta pela representatividade na gestão escolar em diferentes realidades

O primeiro semestre de 2024 ficou marcado por duas ocorrências de destaque nacional nos meios de comunicação envolvendo ataques racistas dentro do ambiente escolar.

A ampla divulgação desses casos acende um alerta que pode ser pensado a partir de dois pontos.

Um deles está, justamente, nos holofotes direcionados à questão: essas duas ocorrências específicas, registradas em um contexto mais elitista, são apenas a ponta do iceberg de um número muito maior de situações envolvendo o racismo na escola?

Dados de um levantamento apresentado em 2023 pelo Instituto de Referência Negra Peregum, feito pela Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (Ipec), colocam as instituições de ensino no topo da lista de ambientes em que brasileiros afirmam ter sofrido violência racial – a cada 10 pessoas que relatam serem vítimas, 3,8 registraram esse fato no meio escolar ou universitário.

O outro ponto é que, levando em conta o que foi noticiado, trata-se de instituições de ensino com evidente desejo de acolher a diversidade em sua estrutura e procedimentos internos.

Ainda assim, as agressões aconteceram entre as crianças e os adolescentes. Como entender e lidar com essa realidade brasileira?

Divulgação

Barreto, advogada: incentivou grupo com 100 pais de alunos

MENSAGEM NO WHATSAPP DEFLAGRA REVOLUÇÃO

Após leitura crítica de reportagem sobre letramento racial nas escolas, a advogada Evie Barreto

Divulgação

Iniciativas narradas por familiares de alunos, docentes e gestores educacionais

> DESAFIO É ADOTAR PROPOSTA ANTIRRACISTA E DEBATER COM AS FAMÍLIAS

Santiago, mãe de um aluno, foi até o aplicativo de mensagens de pais do colégio Equipe, em São Paulo, e fez uma provocação: como constituir uma comissão antirracista na unidade?

"Feita a provocação, houve a adesão de 100 responsáveis por alunos para integrar um grupo, estabelecemos diretrizes para a atuação da escola, apresentamos ao corpo diretivo e, a partir daí, passamos a dialogar e contribuir para que a escola adotasse as medidas", comenta a autora da mensagem inicial.

Tudo isso aconteceu em 2020 e, desde então, segundo Barreto, foram realizados avanços nessa temática, como "Contratações de professores e coordenadores negros; programa de bolsa com recorte racial; interação e troca de saberes com atores sociais do território com atuação antirracista – no caso, o Movimento dos Sem Teto do Centro –; revisão do currículo escolar para implementação de uma educação decolonial; criação de um coletivo de alunos – o Equipreta – no qual alunos negros e brancos aliados se reúnem e atuam no combate ao racismo na escola", enumera a advogada.

"Investir em uma estrutura interna voltada à igualdade é fundamental para que o racismo estrutural não se manifeste em ações individuais nesses ambientes", opina. "A existência de casos por ação individualizada de alunos e professores é reflexo de uma tensão causada pela adoção ainda incipiente (e muitas vezes inexistente) de uma educação efetivamente antirracista", diz.

Para Barreto, o desafio é adotar verdadeiramente essa proposta; é debater o racismo com as famílias; adotar protocolos para dirimir conflitos, de modo a tratar os casos de forma estruturada, diminuindo o espaço para subjetivismos desnecessários; transformar os casos de racismo em oportunidades para adoção de ações antirracistas.

O grupo continua na ativa e ela se faz presente nas atividades. Seu filho agora cursa o 1º ano do Ensino Médio no local e a relação da família com o Equipe é forte. "Ainda nos reunimos, realizando eventos, debates, reuniões periódicas entre nós e o corpo diretivo do colégio", afirma.

EDUCAÇÃO FÍSICA COM HISTÓRIA, ANCESTRALIDADE E REPRESENTATIVIDADE

Trabalhar, de forma intensa, pilares como inteligência emocional, estratégia, perseverança, conhecimento ancestral e saber do mundo atual no contexto de sua formação pode parecer algum tipo de formação específica para adultos ou parte integrante de um MBA, mas é uma aula de capoeira para crianças e adolescentes.

Sotero, do Gracinha: atividades físicas que despertam reflexão

Divulgação

"Trata-se de uma prática corporal criada com tudo isso e nem sempre as pessoas estão acostumadas a ver o negro como inteligente ou estratégico", afirma a docente de educação física no Colégio Santa Cruz e na Escola Gracinha, em São Paulo, Mildred Sotero. "Mostrar essas negritudes aos estudantes pode fazer com que, paulatinamente, eles interiorizem a ideia de que o negro é realmente capaz, tanto quanto o branco", ressalta.

São esses tipos de conteúdo que fazem do seu planejamento de curso referência no incentivo a uma convivência respeitosa e empática na comunidade escolar. "Um processo de educação antirracista tem que ter intencionalidade e ações específicas, dentro ou fora do escopo do que o componente curricular ensina", diz.

Durante a atividade, a docente conversa sobre o porquê de algumas modalidades de matriz africana serem desvalorizadas, enquanto outras culturas são isentas de críticas (por exemplo, judô e capoeira).

Vídeos, documentários e trechos de filmes são exibidos e contextualizados, buscando a história dessa atividade e a contribuição de cada etnia no processo.

"A escola é o lugar onde, por lei, todos devemos estar. Diferente da religião, a escola tem como função apresentar o mundo como ele é, fomentando a busca de solução para os problemas enfrentados", comenta.

E para que esse objetivo seja alcançado é preciso ir além das chamadas bolhas. "Daí vem a importância de escolas que educam crianças e jovens das classes A e B abrirem suas portas para a comunidade negra, que nem sempre pode arcar com a mensalidade", observa.

Na sua visão, tratar das graves questões sociais da realidade exige representantes de todos os lados, para que seja possível encontrar soluções acessíveis.

RACISMO TAMBÉM É PROBLEMA DA ESCOLA

Como a maior agência humanizadora da sociedade contemporânea, a escola tem a tarefa da luta contra o racismo. Para a diretora pedagógica do colégio Santa Cruz, de São Paulo, Débora Vaz, esse tema pode ser abordado de diversas formas, como na contribuição de negros e indígenas na construção do país e nas demais áreas do conhecimento; nos acervos literários, na busca por maior representatividade; nos jogos e materiais didáticos, nos quais é possível compor outras vozes que não apenas as brancas europeias.

"Mas é, também, olhar para as situações nas quais observamos o racismo presente nas nossas relações, aprender a intervir e conversar sobre isso", pontua. "Tanto de forma preventiva, para evitar que isso continue a acontecer, mas também de forma propositiva quando acontece", prossegue.

Na visão da gestora, isso deve ser feito a partir da acolhida dos alunos que foram alvo e da educação dos que praticaram, fazendo-os reconhecer as suas responsabilidades nessas situações. É preciso aprender a criar dispositivos de reparação, acionando códigos de sanções e cuidados e, ainda, acompanhar, regular e monitorar esses alunos – sejam eles crianças, adolescentes e jovens. "Para que isso seja a nossa grande utopia e que não aconteça mais entre nós", afirma.

Sobre os casos de repercussão nacional, a diretora pedagógica menciona a especialista nessa temática, a professora Lia Vainer Schucman, que comenta

Divulgação

Vaz, do Santa Cruz: é preciso falar sobre antirracismo na escola e na família

Olhar para situações onde há o racismo, intervir e conversar sobre isso

que, quanto mais as escolas enfrentarem o racismo estrutural, mais surgirão casos de racismo inter-relacional. Isso implica "rapidamente reconhecer aquilo que aconteceu como um ato racista, acolher a criança ou adolescente ou jovem atingido e colocar imediatamente em jogo uma rede de cuidados para acompanhar e reparar essa marca tão sofrida de ter vivido uma injustiça ou uma violência".

Nesse mesmo contexto, Débora Vaz relata que falar no ambiente escolar e familiar tem sido um desafio importantíssimo para o projeto das escolas, para criar uma rede de situações, de encontros, de rodas de conversa, de formação para a parentalidade, buscando ampliar esse alcance.

"O projeto antirracista nunca é da direção geral ou de um determinado setor, mas convocação para toda uma comunidade – e preciso aqui dizer da importância que tem no Colégio Santa Cruz a participação, junto à escola e alguns educadores, das famílias", explica.

Segundo a gestora, a formação sobre esses pilares passa tanto pela docência quanto por esses familiares, por meio de encontros, eventos e outras atividades.

"Racismo é um assunto de escola, mas, sobretudo, o antirracismo", finaliza.

UMA EMEI NO COMBATE À INVISIBILIDADE

Na Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) Nelson Mandela, na zona norte de São Paulo, o letramento racial entrou em pauta como investimento necessário a uma educação para as relações étnico-raciais nessa unidade da rede pública de ensino.

"As pessoas adultas da escola precisavam passar por esse investimento formativo para conseguirmos alinhar os conhecimentos sobre racismo, como ele atua nas escolhas pedagógicas, nas relações e como construirmos uma comunidade educadora atenta a essas pautas, promovendo uma educação que de fato respeitasse as diferentes culturas", comenta a diretora Solange Miranda.

O objetivo foi criar um espaço de acolhimento às diferenças, de combate à invisibilidade de outros modos de ser e existir no mundo, contrapondo o que é imposto pela colonialidade presente no modelo inicialmente difundido. "Isso favorece a

Divulgação

Miranda, da Nelson Mandela: estruturas que apoiem as individualidades

Divulgação

Arte no muro da Emei Nelson Mandela em São Paulo

construção da identidade e da subjetividade das crianças, num momento fundamental do seu desenvolvimento que é a infância", pontua.

O projeto político-pedagógico apresenta na Emei dinâmicas como formação continuada de todas as pessoas da escola, com a inclusão de pautas sobre racismo, preconceito, discriminação e antirracismo.

"As crianças e nossa comunidade como centro das propostas para a construção de uma educação pública de qualidade e todas as pessoas adultas da escola educam e são incluídas nos processos educativos das crianças, como profissionais da limpeza, da alimentação, do apoio etc.", enumera.

Há, ainda, uma busca pelo rompimento com as imposições hierárquicas, os chamados pequenos poderes e opressões existentes no espaço de trabalho, para se construir, de fato, uma comunidade educadora.

"Os projetos que contemplam as relações étnico-raciais e de gênero, bem como as relações com a natureza são permanentes, pensados e elaborados de forma coletiva como meio de construir uma estrutura que apoie as individualidades, que envolva e integre todas as pessoas adultas da escola, as crianças e nossa comunidade", conclui.

Casos de racismo na escola ganharam noticiário nacional

Abril de 2024 – Duas estudantes de um colégio particular de São Paulo pegaram escondido o caderno da colega, filha mais velha da atriz Samara Felippo, e o rabiscaram com frases de cunho racista.

Maio de 2024 – A neta de 9 anos do cantor Arlindo Cruz foi vítima de ofensas racistas durante uma aula de vôlei em uma escola da rede privada de São Paulo.

Divulgação

Dinâmicas do projeto Santa Plural no Santa Cruz

Algumas das práticas internas da Emei Nelson Mandela

Com a equipe da escola

"Conversas sobre racismo, sobre acolher e respeitar a diversidade cultural de nossa comunidade, como receber as pessoas da nossa comunidade, o tratamento afetuoso e respeitoso que temos que ter com as crianças e o nosso papel enquanto escola que segue na construção de uma proposta antirracista."

Com as famílias

"Todo início de ano começamos apresentando nossa proposta pedagógica para as famílias, explicamos nosso trabalho e como a escola atua no combate ao racismo."

Com as crianças

"Começamos apresentando todas as educadoras da escola, evitando marcadores como 'tia da limpeza', 'tia da cozinha', construindo de fato uma convivência em que todas sejam reconhecidas pelos seus nomes, humanizando e aproximando todas as pessoas adultas da escola de todas as crianças e famílias.

Naturalizamos o diferente, com propostas de investigação sobre melanina, tons de pele, texturas de cabelos, que tratam da diferença como um direito e do respeito a essas diferenças".

Fonte: Solange Miranda, diretora

MUNICÍPIOS FAZEM PARCERIAS PARA OBTER MELHORES RESULTADOS

Como a busca estratégica por soluções e metodologias nas escolas municipais está resultando em bons índices e conquistas para as redes

A relação entre o desenvolvimento social e econômico de um país e a qualidade da educação que ele oferece às suas crianças e adolescentes está evidenciada em um estudo conduzido pelo centro de Aprendizagem em Avaliação e Resultados para a África Lusófona e o Brasil, da Escola de Economia de São Paulo (FGV-EESP Clear).

Com o apoio da Fundação Lemann, a pesquisa aponta que o aumento nas notas obtidas em avaliações padronizadas sobre o desempenho da educação de um país – como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) e o Trends in International Mathematics and Science Study (TIMSS) – está diretamente relacionado a ganhos no PIB (Produto Interno Bruto) daquela nação na ordem entre 1% e 2,2%.

Os índices também mostram que a educação básica no Brasil apresenta um descompasso entre quantidade e qualidade. Ou seja, se hoje há no país muito mais crianças matriculadas e que finalizaram os estudos em comparação com as últimas décadas, verifica-se ao mesmo tempo uma grande desaceleração na qualidade do ensino brasileiro.

Há, no entanto, alguns focos de luz no território nacional onde a educação básica tem encontrado seu potencial de desenvolver pessoas, comunidades e suas

crianças. Esta reportagem da revista **Mundo Escolar Gestão** revela exemplos de boas práticas aplicadas na educação pública, com atividades concretas na busca de um ensino de qualidade e que já vêm colhendo bons resultados.

Dois exemplos desafiam as estatísticas: o município de Itagibá, na Bahia, e o município de Extrema, em Minas Gerais.

A CONQUISTA DE UMA OLIMPÍADA

A pequena Itagibá (BA) tem pouco mais de 15 mil habitantes e acompanhou, orgulhosa, o nome da cidade ser destaque em um evento internacional de desempenho escolar.

Depois de avaliar algumas opções de sistemas educacionais com foco em educação pública disponíveis, firmou uma parceria em 2021 e teve um de seus pontos altos com essa conquista, que partiu de uma escola da zona rural.

O assessor pedagógico da prefeitura de Itagibá, Hamilton Pacheco, destaca os benefícios de um dos eixos dessa plataforma, que é a formação docente. "O município pôde implantar o maior programa de formação de sua história, o Proformi – Programa de Formação Continuada para Profissionais da Educação de Itagibá, que oferta formação a todos os profissionais que atuam nas diferentes áreas da educação pública municipal", conta.

Divulgação

Souza, da Clemente Mariani: premiação foi muito importante para as crianças

> ESCOLA DA ZONA RURAL DE PEQUENO MUNICÍPIO TEVE DESTAQUE INTERNACIONAL

Divulgação

Santos, de Itagibá: estudantes estão mais ativos em seus processos

Possibilitou que estudantes assumissem papel de protagonistas do processo

Sobre a importância das avaliações oficiais, esse é um item em que se verificou muitas mudanças no nível educacional da região, depois do início da adoção do sistema de ensino. "O município melhorou significativamente o seu desempenho na última edição da avaliação Sabe (Sistema de Avaliação Baiano de Educação), e também na avaliação Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), do Governo Federal, ambos em 2023, mesmo que o processo educacional tenha sido interrompido por dois anos em função da pandemia da Covid-19", conta Pacheco.

Para além dos números, Itagibá conquistou um feito relevante: uma premiação de nível internacional. A Escola Municipal Clemente Mariani foi premiada na Olimpíada Internacional de Leitura (OIL), que tem como objetivos principais avaliar e fomentar a leitura e a compreensão textual, além de formar cidadãos com poder de crítica. A escola foi uma das dez melhores do Brasil nessa competição.

Segundo a docente Aline Souza, participar e vencer a premiação da OIL foi um processo muito importante para as crianças. Elas fizeram as atividades de cada etapa e eram avaliadas à medida que progrediam, até a finalização do processo, sendo assim agraciadas com o prêmio. "Com isso eles se sentem reconhecidos pelos seus esforços, com a dedicação na aprendizagem e sua autoestima elevada incentivando outras crianças", destaca a professora.

Souza traz, inclusive, que todos esses processos – a parceria, o novo sistema de ensino e a conquista da Olimpíada Internacional de Leitura – contribuíram muito para as crianças, seus familiares e para a sociedade em geral. "As famílias demonstraram-se mais engajadas na vida escolar de seus filhos, sendo colaborativas com as atividades de casa e participando ativamente das ações pedagógicas direcionadas pela escola", afirma.

Foi possível verificar mudanças no dia a dia escolar, dentro da sala de aula. Tatiana dos Santos, professora da escola, conta que os alunos passaram a se mostrar mais ativos em seus próprios processos de aprendizagem. "Os estudantes assumiram o papel de protagonistas do desenvolvimento acadêmico e estão, hoje, mais

Divulgação

Mamede, coordenadora: busca por conteúdo didático mais arrojado e avançado

Borges, de Extrema: há equilíbrio no planejamento curricular

Divulgação

comprometidos nos seus deveres como alunos", relata.

A educadora também destaca os benefícios da utilização da estrutura educacional e conta que o simples fato de todos na rede falarem a "mesma língua", pelo mesmo material e sistema, já é uma grande facilidade. "A metodologia de organização dos módulos facilita o aprendizado dos alunos devido à diversidade das atividades no desenvolvimento das habilidades que precisam ser trabalhadas por unidade", complementa.

MUDAR PARA ATENDER AOS OBJETIVOS PEDAGÓGICOS

Outro local onde a educação básica municipal fez uso de decisões estratégicas é a rede de ensino da cidade de Extrema (MG). Com pouco mais de 50 mil habitantes, de perfil industrial e localizada na divisa com o estado de São Paulo, a cidade conta com parcerias para as atividades educacionais da rede local.

De acordo com a coordenadora de Ensino Fundamental e EJA do município, Carolina Mamede, a escolha acolheu um anseio dos docentes que pediam novo material didático e sistema de ensino.

"Precisávamos inovar, trazer algo que estivesse mais alinhado aos objetivos pedagógicos e que trouxesse um conteúdo didático mais arrojado, avançado e dentro da nossa proposta de ensino", complementa.

Mamede destaca que os resultados têm sido positivos desde o início da implementação, apesar de algumas dificuldades, como a alta rotatividade de alunos na cidade, por conta de seu caráter industrial, e, também os impactos da pandemia. "Estamos acompanhando, através das avaliações educacionais, uma curva crescente na questão do alcance dos objetivos educacionais."

A cidade conta com uma orientadora pedagógica, Geisliane Borges, que explica que hoje, independentemente da localização territorial ou do porte da escola, todos os alunos têm acesso garantido à mesma educação, por conta da padronização e consistência do material e dos métodos oferecidos. "Há um equilíbrio no planejamento curricular e atualmente o sistema pode ser entendido como um importante parâmetro para o processo de ensino/apredizagem", acrescenta.

Além disso, Borges também enxerga mudanças em um quadro de "antes e depois", com relação ao desempenho dos alunos e a dedicação deles mesmos à vida acadêmica – incluindo, aqui, participações e premiações em avaliações e olimpíadas do conhecimento.

"É motivo de orgulho para a equipe ver um aluno sair do baixo desempenho, assim como é motivo de orgulho para a escola ver aumentar, ano após ano, o número de alunos medalhistas nas olimpíadas, como OBMEP (Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas) e OBA (Olimpíada Brasileira de Astronomia)", enumera. Mamede complementa: "Caminhamos juntos, de mãos dadas, buscando a melhoria contínua desses resultados; enxergo que é uma parceria que vai longe, e nós temos carinho e gratidão muito grandes", finaliza.

** Os cases educacionais citados nesta reportagem são parcerias entre os municípios e a **FTD Educação**, por meio do uso do SIM Sistema de Ensino, uma solução educacional completa com material didático, consultoria personalizada, formação continuada, plataformas digitais e avaliação de aprendizagem.*

COMO PREPARAR EDUCADORES PARA A ERA DA PÓS-VERDADE

Práticas educacionais para combater a disseminação de *fake news* e converter o docente em propagador de informações verificadas

No meio de uma explicação em sala de aula, um estudante levanta a mão e indaga o professor sobre a veracidade do fato histórico que é tema do encontro. O adolescente alega que pesquisou na internet e afirma que a narrativa não aconteceu da forma como está sendo explicada.

Outro fato: horas e dias após a ocorrência de um violento ataque em uma escola brasileira, começam a se espalhar, por aplicativos de mensagem, boatos e supostas ameaças para novos casos, o que gera preocupação e mudanças nas rotinas dos alunos.

O que conecta as duas cenas acima descritas? A disseminação de *fake news*.

As notícias falsas estão longe de ser uma novidade na história

Notícias falsas não são novidade, mas ganharam mais relevância com a tecnologia

da comunicação, no entanto, o advento tecnológico as colocou em local de destaque de forma nunca vista, interferindo em situações como política, saúde pública e, também, na Educação.

"Eu diria que todo problema social é da escola também, que é um microcosmo da sociedade", afirma o coordenador pedagógico do Instituto Palavra Aberta, Bruno Ferreira.

Acompanhando a incidência cada vez maior desse problema, instituições estão buscando formas de trazer o assunto para o ambiente pedagógico, na forma de treinamentos para preparar esses profissionais.

"As *fake news* são uma questão escolar, uma vez que as decisões, os discursos e as visões de mundo são partilhadas nesse espaço e a desinformação pode também afetar na construção dessas visões de mundo, desses discursos", prossegue.

EPA, PERAÍ, O QUÊ?

De acordo com a definição da Academia Brasileira de Letras (ABL), pós-verdade é a informação que distorce deliberadamente a verdade, ou algo real, caracterizada pelo forte apelo à emoção, e que, tomando como base crenças difundidas, em detrimento de fatos apurados, tende a ser aceita como verdadeira, influenciando a opinião pública e comportamentos sociais.

O caminho para o combate a esse tipo de discurso, afirma Ferreira, é o que ele chama de letramento informacional, o que deve ser feito com discussões, alertas e a implementação de protocolos.

Divulgação

Ferreira, do Instituto Palavra Aberta: *fake news* também são problema da escola

O EducaMídia é o programa de educação midiática do instituto, que oferece formação, pesquisa, materiais e recursos aos docentes.

Dentre os protocolos desenvolvidos pela iniciativa está o "Epa, peraí, o quê?". Segundo o coordenador, cada uma dessas palavras, extraídas da oralidade, representa uma ação de combate às afirmações mentirosas. "Epa: pensar sobre o que uma mensagem de mídia desperta, choque, surpresa, raiva, indignação; Peraí (corruptela de Espere aí): não repasse essa mensagem adiante ainda; O quê: dedicar um tempo a pesquisar mais informações e ver se está presente em outros meios de comunicação".

O instituto se conecta aos gestores de escolas para mapear oportunidades para implementar estratégias de educação midiática pelo currículo, por meio de projetos e das disciplinas já existentes.

> CHUVAS NO RIO GRANDE DO SUL AGITARAM NOTÍCIAS FALSAS NA INTERNET

DESAFIO MULTIDISCIPLINAR

Os estragos causados pelas *fake news* fazem parte da vida acadêmica da professora da Unisinos e do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), Tais Seibt.

"Infelizmente, o combate à desinformação não avança no mesmo ritmo que a disseminação de conteúdos falsos e enganosos nas redes", desabafa a educadora, que se debruça sobre o tema desde o ano de 2016. "Percebo que as iniciativas para mitigar as mentiras são, cada vez mais, elas próprias alvos de ataque de desinformadores", pontua.

A pesquisadora ressalta que a imprensa, a ciência e os governos são alvo de influenciadores que se dedicam a colocar dúvida sobre as fontes oficiais, muitas vezes sob efeito de capital financeiro investido para aumentar a disseminação e o engajamento desses canais nas plataformas, o que torna o jogo ainda mais desigual.

Na visão de Seibt, o combate às *fake news* no ambiente educacional é desafiador e multidisciplinar. "O repertório contemporâneo da educação midiática não está apenas nas linguagens como notícia e gêneros jornalísticos, mas exige, também, outros letramentos, como aplicativos e plataformas digitais", exemplifica.

A especialista cita a educação cívica como uma dimensão dessa formação. "A crise climática e a tragédia das enchentes no Sul podem pautar aulas de Geografia, Ciências Biológicas, com o atravessamento de mídias, utilizar gráficos e mapas difundidos por influenciadores digitais, não raro fora de contexto ou com informações erradas", complementa.

INFORMAÇÃO NA NUVEM

Em 2022, a partir de um edital da Embaixada e Consulado dos Estados Unidos no Brasil, a Unisinos criou o Desafio Nuvem de Educação Midiática. Na ocasião, foram formados mais de cem professores da Educação Básica, principalmente da rede pública de ensino, resultando na elaboração de dez planos de ensino, resumidos em um e-book

Divulgação

Seibt, da Unisinos e IDP: formação para docentes da rede pública

produzido pelos participantes (*link e QR Code para download gratuito abaixo*).

No ano seguinte, outra turma de educadores foi formada com o programa Cultura Tech na Sala de Aula, com apoio do Instituto Ling.

Segundo Seibt, com a articulação dos próprios voluntários, a iniciativa foi se fortalecendo como rede de distribuição de conteúdos verificados na forma de mídia-kit para livre reprodução de influenciadores digitais dispostos a atuar como embaixadores contra as *fake news* em seus próprios canais.

EDUCAR PARA AS MÍDIAS

A experiência da maternidade foi fundamental para que Leandra Gonçalves trocasse a rotina de publicitária em departamentos de comunicação para o mundo da Educação.

A hoje supervisora educacional na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Guilherme Sommer, em Teutônia (RS), carregou uma preocupação da carreira anterior. "Chegou uma etapa da minha vida em que comecei a ficar incomodada com a questão das *fake news*, de como as pessoas ao meu redor estavam acreditando em absurdos e compartilhando", conta.

"Como supervisora, sempre tenho o cuidado de conversar com os professores, orientar em sala de aula, pois a gente trata com muita cautela esse tema, porque envolve muitas crenças das famílias", explica Gonçalves, que fez parte da turma do Desafio Nuvem de Educação Midiática e é autora de um dos textos do e-book. "Geralmente a notícia falsa é compartilhada entre pessoas que têm confiança entre si, então é um assunto bem delicado, a gente tem que tratar com atenção", comenta.

A gestora ressalta que é preciso um olhar mais integral sobre todos os processos que envolvem a educação midiática, que vão além do ato da verificação em si. Envolvem: ler, escrever e participar.

COMO PARTICIPAR

Duas personagens entrevistadas para esta reportagem atuam diretamente no estado do Rio Grande do Sul e, durante a grave crise causada pelas chuvas em diversos municípios da região, testemunharam uma grande incidência de boatos e notícias falsas nos mais diversos veículos.

E se antes as mentiras eram produzidas com o uso de descontextualização de imagens e gráficos, por exemplo, hoje há, também, formas de criação de cenas e vídeos por Inteligência Artificial, em *deep fakes* e plataformas como DALL-E, e MidJourney.

Na Unisinos, foi criada a rede Verifica RS, para centralizar dados e informações verificadas nos perfis do Instagram e TikTok: @rsverifica.

Para reproduzir os conteúdos disponíveis ou compartilhar iniciativas, utilize as Direct Messages (DM) dos canais ou o e-mail: dados@afonte.info.

Faça o download gratuito do e-book do Desafio Nuvem de Educação Midiática no link: https://acesse.dev/kEL9C

No EducaMídia, acesse os materiais e formações disponíveis pelo site http://educamidia.org.br.

Instituto Palavra Aberta: estratégias para checagem de informações

Divulgação

Gonçalves, supervisora educacional: incômodo com o compartilhamento de "absurdos"

Campanha de Matrículas FTD Educação: sua parceira na captação e retenção de estudantes.

Quer saber como reter e conquistar novos alunos com uma estratégia de marketing educacional completa? A gente ajuda!

Nossa campanha foi desenvolvida para proporcionar todo o suporte necessário, para que nossas instituições parceiras saiam na frente.

Entre em contato com seu consultor **FTD Educação** e saiba mais.

Escaneie o **QR code** e acesse a Campanha de Matrículas através da **iônica.**

FTD Sistema de Ensino | standfor evolution | trilhas Um sistema de ensino FTD | OPEE projeto de vida | oficina das Finanças na escola

Conte conosco para fazer dessa Campanha um sucesso! **Vamos juntos!**

FTD educação

EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE

_Soluções que **transformam** a **Educação** do seu município.

+DE 80%

DOS MUNICÍPIOS **ACIMA DA MÉDIA** BRASIL DO IDEB*

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

AUMENTO REAL DOS ÍNDICES **IDEB**

EQUIDADE E EDUCAÇÃO **INCLUSIVA**

RECONHECIMENTO À GESTÃO MUNICIPAL

***Fonte Ideb 2021** | Divulgação INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Dados referentes aos anos finais do Ensino Fundamental.

Conheça todos os benefícios da parceria FTD Educação com a Educação Pública!

Acesse **educacaopublica.ftd.com.br** ou escaneie o **QR Code**.

FTD educação